

Fundação Charles Léopold Mayer para o Progresso do Homem  
Aliança por um mundo responsável, plural e solidário  
Pólo de Socioeconomia Solidária

Caderno de propostas para o século XXI

# Mulheres e Economia

Coordenado por Cécile Sabourin e Josée Belleau



série  
globalização e solidariedade



Fundação Charles Léopold Mayer para o Progresso do Homem  
Aliança por um mundo responsável, plural e solidário  
Pólo de Socioeconomia Solidária

Caderno de propostas para o século XXI

# Mulheres e Economia<sup>1</sup>

Coordenado por Cécile Sabourin e Josée Belleau  
[www.women.socioeco.org](http://www.women.socioeco.org)



Janeiro de 2004

---

1. Este caderno de propostas é uma síntese dos trabalhos do Canteiro "mulheres e economia" do qual participaram mais de 50 pessoas através de trocas em um fórum eletrônico ([women@socioeco.org](mailto:women@socioeco.org)) e em dois encontros, um em Paris nos dias 9, 10 e 11 de outubro de 2000 e outro em Havana nos dias 9, 10 e 11 de abril de 2001. Foi escrito por Cécile Sabourin com a colaboração de Josée Belleau.

**PACS - Instituto Políticas Alternativas para o Cone Sul**  
CNPJ.: 31.888.076/0001-29  
Av. Rio Branco, 277 / 1609 Centro  
CEP 20.040-009 Rio de Janeiro/ RJ  
**Telefax:** (0xx21) 2210-2124  
**Correio Eletrônico:** pacs@pacs.org.br  
**Sítio do Pacs:** www.pacs.org.br  
**Sítio do Pólo de Socioeconomia Solidária:** www.socioeco.org

**Série:** Globalização e Solidariedade  
Nº 3 - Mulheres e Economia

**Texto:**

Caderno de propostas para o século XXI  
Escrito e Coordenado por Cécile Sabourin e José Belleau

Síntese dos trabalhos do Canteiro "mulheres e economia" do qual participaram mais de 50 pessoas através de trocas em um fórum eletrônico (women@socioeco.org) e em dois encontros, um em Paris nos dias 9, 10 e 11 de outubro de 2000 e outro em Havana nos dias 9, 10 e 11 de abril de 2001  
Sítio: www.women.socioeco.org

**Equipe Técnica:**

Marcos Arruda, Sandra Quintela, Ruth Espínola Soriano, Robson Patrocínio, Alain Simon, Terezinha Pimenta, Pedro Quaresma, Hermila Figueiredo, Kátia F. Aguiar

**Tradução:** Mauro Delgado

**Revisão:** Lycia Ribeiro

**Projeto Gráfico:**

Gabriela Caspary Corrêa

**Ilustrações:** Kita Telles

**Fotolito:** Pigmento

**Impressão:** Teatral

**Apoio:**

FPH  
Fundação Ford  
Christian Aid  
E-Changer  
Instituto Marista de Solidariedade  
SCIAF  
Trócaire

SABOURIN, Cécile; BELLEAU, José

Mulheres e Economia. Tradução de Mauro Delgado.

Rio de Janeiro, PACS – Instituto Políticas Alternativas para o Cone Sul/Fundação Charles Léopold Mayer para o Progresso do Homem/Aliança por um mundo responsável, plural e solidário/Pólo de Socioeconomia Solidária, 2004.

52p. (Cadernos de Propostas para o Século XXI, 1 / Série Globalização e Solidariedade, 3)

1. Mulheres. 2. Economia. 3. RELAÇÕES DE GÊNERO. 4. Economia Solidária. 5. GLOBALIZAÇÃO. I. SABOURIN, Cécile. II. BELLEAU, José. III. PACS – Instituto Políticas Alternativas para o Cone Sul. IV. Pólo de Socioeconomia Solidária. V. Aliança por um Mundo Responsável, Plural e Solidário. VI. Título. VII. Série.

ISBN 85-89366-06-5

# índice

<b>Apresentação</b>	<b>4</b>
<b>1. Constatações e Diagnósticos</b>	<b>6</b>
<b>2. Visões e Novo Paradigma</b>	<b>12</b>
<b>3. Iniciativas e Inovações</b>	<b>17</b>
<b>4. Propostas</b>	<b>25</b>
<b>5. Estratégias e Atrizes / Atores</b>	<b>33</b>
<b>Anexo 1</b>	<b>44</b>
<b>Questionário</b>	<b>48</b>

# Apresentação



Mesmo com a palavra economia significando o cuidado da casa ou do lugar (oikos=casa; nomia=regras), as ciências econômicas sempre tiveram muita dificuldade em tratar o trabalho realizado pelas mulheres e sua visão sobre a economia. Como podemos admitir, por exemplo, que o trabalho doméstico, tão importante para o cuidado e reprodução da vida, tenha sempre ficado ausente do debate econômico? Como podemos aceitar que, recorrentemente, o trabalho realizado fora da lógica mercantil – vender e comprar – tenha sido completamente descartado daquilo que possa ser considerado uma atividade econômica?

Este caderno não busca dar respostas acabadas a essas questões. Busca trazer para o debate este assunto praticamente invisível, a participação das mulheres na

# Mulheres e Economia

economia, além de buscar também lançar bases para a transformação das práticas e das teorias econômicas, sob uma perspectiva de solidariedade, colaboração e sustentabilidade. Neste sentido, as propostas aqui relatadas constituem-se, na realidade, uma agenda de trabalho para aquelas e aqueles que quiserem participar deste mutirão de idéias, concepções e propostas alternativas para construir uma outra maneira de pensar e de fazer a economia a partir da perspectiva das mulheres.

Este caderno é uma síntese dos trabalhos do Canteiro "Mulheres e Economia", do qual participaram mais de 50 pessoas, através de trocas em um fórum eletrônico ([women@socioeco.org](mailto:women@socioeco.org)) e em dois encontros, um em Paris nos dias 9, 10 e 11 de outubro de 2000 e outro em Havana nos dias 9, 10 e 11 de

abril de 2001. Foi escrito pela economista Cécile Sabourin com a colaboração de Josée Belleau, ambas do Canadá.

Não haverá nenhum processo de globalização centrado na solidariedade que exclua as mulheres e não considere visões sobre o funcionamento de um sistema que garanta a reprodução material da vida. Neste contexto, a lógica de mercado necessariamente não deve ser a lógica de funcionamento da economia. Por isso estamos publicando este caderno na Série "Globalização e Solidariedade". É um convite para conhecermos outras perspectivas que contribuiram para o mundo de justiça e igualdade que tanto queremos e sonhamos construir.

Boa leitura!

# 1. constatações e diagnósticos

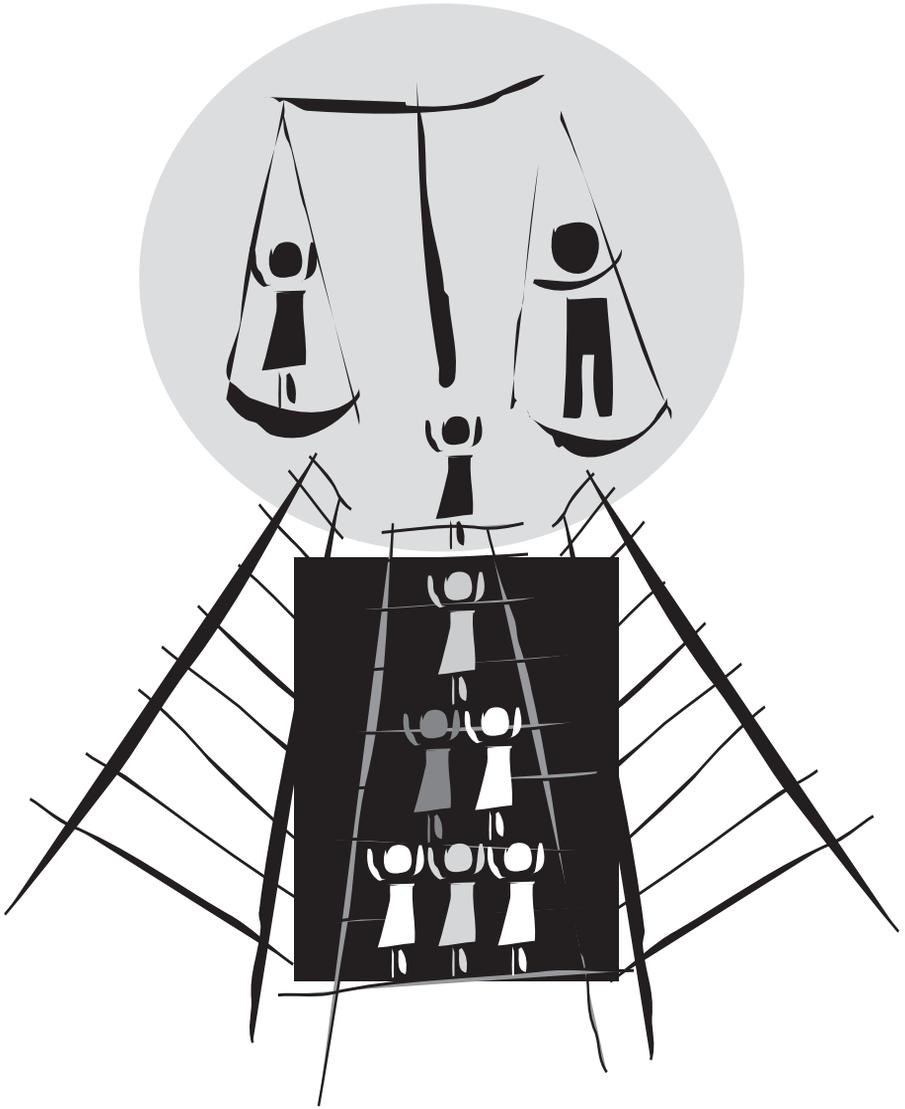
As mulheres vivem, trabalham e produzem em condições e contextos muito variados. Entretanto, parecem ser unânimes entre elas o reconhecimento de problemas fundamentais e a necessidade de transformar as práticas e as teorias econômicas. A igualdade entre mulheres e homens e a inclusão do valor “solidariedade” nas relações e nas estruturas econômicas são objetivos consensuais. A autonomia econômica, a capacidade de expressão e a liberdade também estão no centro das aspirações pessoais e coletivas expressas pelas mulheres.

O termo “igualdade” abrange realidades diversas segundo os contextos, todavia as mulheres que reivindicam igualdade de direitos e real possibilidade de exercê-los apóiam-se numa visão delas mesmas

como sujeitos de suas próprias vidas e como “atrizes” sociais, políticas e econômicas no seio da sociedade em que vivem. Elas reivindicam então que sejam consideradas e reconhecidas como pessoas e verdadeiras cidadãs. O valor “solidariedade” não é uma panacéia, as mulheres conhecem de longa data a força e os limites da expressão da solidariedade nas relações humanas. Entretanto, é aí que encontram um valor fundamental para renovar as relações econômicas entre os seres humanos.

## **A posição específica das mulheres na sociedade**

Uma grande maioria de mulheres neste planeta é responsável pela reprodução humana, pela

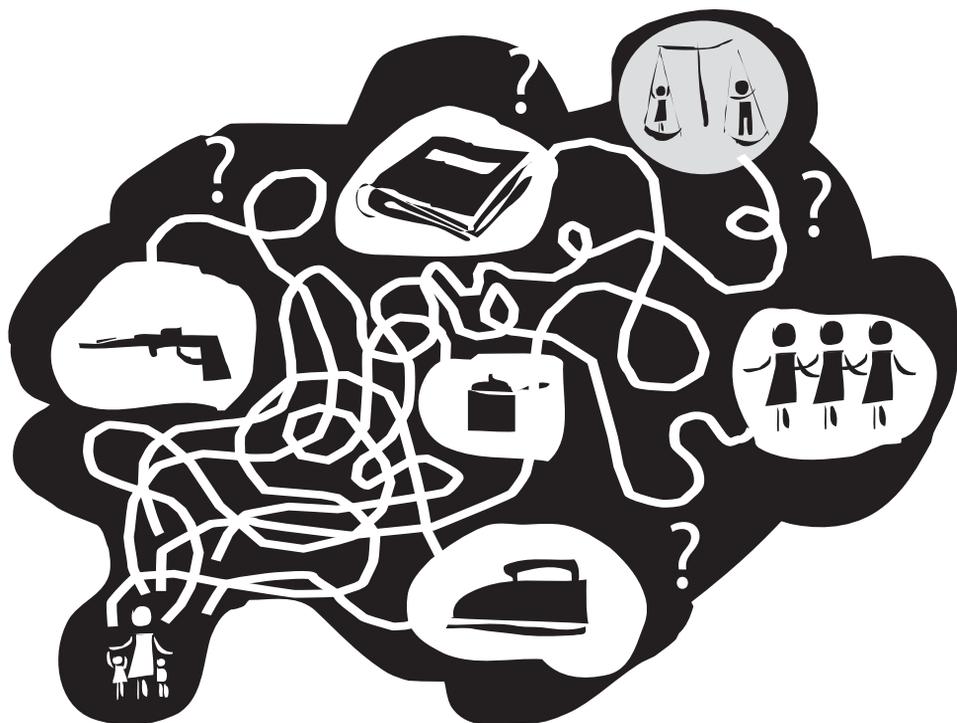


preservação da vida e pelos cuidados com as pessoas. As iniciativas e os esforços visando à sua inserção na economia, “dominante” ou não, são em grande parte influenciados pela urgência em proteger a vida e em assegurar o acesso aos bens e serviços essenciais para elas mesmas e suas famílias. Elas são também motivadas pela urgência em preencher o fosso crescente entre, de um lado, suas necessidades fundamentais e aspirações, e de outro, suas condições de vida. As mulheres, e em vários países meninas, buscam suas aspirações numa vida cotidiana submetida a atividades “impostas”. A cada dia, as longas horas que dedicam ao trabalho (remunerado, não-remunerado, doméstico, comunitário, tempo de formação, etc.) não são suficientes para realizarem tudo. Se por vezes algumas melhoram suas condições, muitas não conseguem sair de seu estado de pobreza e até mesmo de indigência (material, social, cultural).

A forte presença das mulheres entre os mais desprovidos, os pobres e os “sem-voz política” persiste em todo o mundo. A despeito dos anos de esforços organizados, particularmente o Ano Internacional das Mulheres, em 1975, a Conferência de Pequim, em 1995, e sua continuação em 2000 (Pequim + 5) e a Marcha Mundial das Mulheres também neste ano, as distâncias entre mulheres e homens, assim como entre elas mesmas e entre os homens e eles mesmos, continuam a se acentuar. O Relatório mundial sobre o desenvolvimento humano (1997) reconhecia de chofre esta presença maciça das mulheres entre os mais pobres, a qual se somam a ausência de poder, as obrigações relativas ao trabalho produtivo, os cuidados com as crianças e as responsabilidades domésticas e comunitárias. Além disso, a partir dos indicadores escolhidos e disponíveis para construir o GDI (gender-related development index)<sup>2</sup>, a correlação entre a situação

---

2. São considerados os seguintes indicadores: esperança de vida ao nascer, taxa de alfabetização dos adultos, número de matrículas nas escolas primárias, secundárias e superiores e níveis de renda estimada.



econômica das mulheres e a dos países (HDI – Human development index) estava claramente estabelecida no Relatório mundial sobre o desenvolvimento humano (2001).

Assim, onde quer que a vida cotidiana tome forma de “sobrevivência”, encontram-se mulheres que se engajam em iniciativas visando a “mudar seu mundo”. Elas experimentam novas maneiras de produzir, de consumir e de trocar ou propõem iniciativas provenientes de suas preocupações e de seus valores. Do mesmo modo, quando se trata de melhorar a qualidade de vida cotidiana, há sempre mulheres que propõem iniciativas e estratégias

inovadoras. Em nenhum lugar elas estão ausentes dos locais onde se organiza a vida em sociedade, mas freqüentemente são excluídas dos locais onde são tomadas as decisões políticas e econômicas.

A posição das mulheres, enquanto grupo, é caracterizada pela pobreza, pela exclusão e pela violência, cujas formas e intensidades variam de acordo com as sociedades e as épocas. Esta posição forja um olhar particular que elas têm sobre o sistema socioeconômico no seu conjunto (produção, consumo, trocas) e, conseqüentemente, pontos de vista sobre as transformações que se impõem.



Por outro lado, um movimento por uma maior complexidade da identidade das mulheres se expressa claramente em todas as regiões do mundo. Em todo lugar elas manifestam o desejo de conciliar os papéis de mãe, esposa, trabalhadora, empresária e cidadã. Este movimento é marcado pela diversidade dos contextos sociais e culturais nos quais ele ocorre. Os contextos rural ou urbano são geralmente determinantes das formas que toma a conciliação dos diferentes papéis.

Em toda parte as mulheres se confrontam com a economia “dominante” na qual a produção, o consu-

mo e a troca estão submetidos aos imperativos da rentabilidade “financeira” e da globalização “corporativa”. Mesmo sendo essenciais às atividades da economia “dominante”, apenas uma parcela limitada das atividades econômicas das mulheres é levada em consideração, enquanto que uma grande parte é ou ocultada (invisível e não-remunerada) ou subvalorizada (desvalorizada e mal paga). Ademais, o controle exercido pelos homens sobre os recursos e meios de produção e de troca constitui freqüentemente um obstáculo à realização das atividades econômicas das mulheres, mesmo fora do circuito da economia “dominante”.

Enfim, a divisão desigual das tarefas domésticas entre homens e mulheres, e também as relações de dominação exercidas pelos homens no casal e na família, bem como na esfera da política e da economia, contribuem para “cristalizar” as situações inaceitáveis de pobreza e de exclusão, tornando ainda mais complexa a busca de vias de transformações das relações econômicas.

## **Condições para se abrir caminho às transformações fundamentais**

Há muito tempo são as mobilizações sociais e políticas que permitem às mulheres progredirem no sentido de atingir seus objetivos na esfera econômica. Elas se unem e lutam para encontrar seu lugar no seio da economia “dominante”. Lutam pelo reconhecimento efetivo de seu trabalho cotidiano no conjunto das esferas da vida socioeconômica. Lutam igualmente para descobrir, experimentar e ensinar novos caminhos e iniciativas que possam satisfazer suas aspirações e trazer condições de igualdade.

Contudo, condições prévias, variáveis segundo os contextos, são necessárias para ver emergir e se afirmar as transformações reais e duráveis no local. Em alguns países, as mulheres exigem primeiramente seu reconhecimento jurídico como pessoas possuidoras de direitos. Já onde existem legislações, elas reivindicam o respeito aos direitos e o acesso aos meios de assegurar sua aplicação concreta, por exemplo, acesso à terra, ao crédito, à formação.

Finalmente, a relação das mulheres com a economia se insere numa visão global da sociedade e numa concepção holística das pessoas. Participando dos processos da Aliança por um mundo responsável, plural e solidário e mais particularmente do Pólo de Socioeconomia Solidária (PSES) da Aliança, o(a)s participantes consideram que a temática do Canteiro “mulheres e economia” constitui uma questão transversal. Por esta razão, esta temática é um desafio global para a preparação das propostas decorrentes do PSES que foram discutidas por ocasião da Assembleia 2001 da Aliança, em Lille.

## 2. visões e novo paradigma

As trocas por ocasião dos trabalhos do Canteiro “mulheres e economia” (fórum e seminários) mostraram a capacidade do(a)s participantes de identificar e expressar as bases de suas ações e iniciativas, os desafios que seu próprio cotidiano coloca e as particularidades de sua posição no seio de sua própria comunidade e no seu país. Em toda parte, as mulheres se deparam com o mesmo discurso predominante – sobre a inevitável globalização e a incontornável

competição que provocam a exploração crescente dos menos bem providos e particularmente das mulheres. Em contrapartida, um discurso unânime do(a)s participantes e da imensa maioria das mulheres se faz ouvir propondo autonomia, criatividade, responsabilidade coletiva e satisfação das necessidades humanas essenciais e fundamentais.

Um consenso se manifesta em alguns princípios fundamentais para a construção de um novo paradigma



econômico. Estes se inserem numa visão de desenvolvimento individual e coletivo que reconhece:

- a igualdade entre homens e mulheres,
- as dimensões espiritual, mental, física e social da pessoa,
- um desenvolvimento harmonioso e equilibrado entre o “centro” e a “periferia”; entre Norte, Sul, Leste e Oeste; no interior de um território ou de um país; etc.

Emergem do Canteiro “mulheres e economia” oito princípios que constituem, na nossa opinião, pistas essenciais a serem aprofundadas e enriquecidas, formando a base de um novo paradigma econômico. Assim, vamos tentar tornar explícitos os vínculos entre as visões que se desenham naqueles e naquelas que sonham com um mundo mais responsável, plural e solidário.

Os princípios para a construção de um novo paradigma econômico são:

Multifuncionalidade das atividades “produtivas” e do trabalho das mulheres:

As mulheres reconhecem de bom grado que uma atividade econômica contribui para a criação de vínculos interpessoais, que ela é fonte de prazer, expressão de convivência, ocasião de encontros interculturais entre pessoas de idades e origens diversas. Sendo assim, uma abordagem sobretudo “financeira” das atividades socioeconômicas não tem nenhuma pertinência.

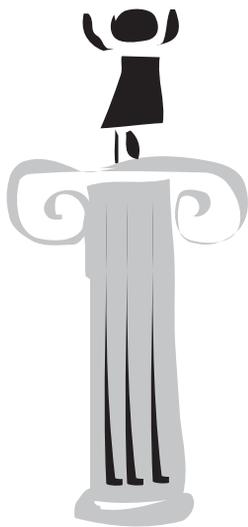
Desmembramento (descompartimentalização) e divisão do trabalho e das responsabilidades:

As relações de trabalho no seio dos projetos / iniciativas / associações / empresas iniciados ou empreendidos por mulheres se caracterizam pela busca de relações igualitárias no sentido em que os membros / participantes do projeto têm a possibilidade de adquirir formação e experiência, assim como assumir alternadamente as diversas responsabilidades de gestão e de produção.

Reconhecimento da conciliação dos papéis e das atividades e divisão eqüitativa do tempo e das tarefas:

As mulheres assumem dia a dia a responsabilidade e inúmeros atos de conciliação entre os papéis, as responsabilidades, as atividades, as tarefas e as pessoas. Estes atos permanecem invisíveis embora sejam essenciais para o funcionamento da economia e do conjunto da vida cotidiana. Uma divisão eqüitativa bem como o reconhecimento efetivo do tempo que eles exigem tornam-se indispensáveis.





Reconhecimento dos saberes tradicionais e dos saberes de experiência adquiridos fora da esfera econômica “dominante”:

Os saberes (saber-fazer, saber-ser) que as mulheres desenvolveram fora do mercado de trabalho contribuem para o bem-estar das pessoas e das coletividades. É fundamental valorizá-los e neles reconhecer tanto uma “rentabilidade social” quanto uma “rentabilidade econômica”.

Organização dos espaços de produção e de vida a partir do tempo e das necessidades das pessoas e das comunidades:

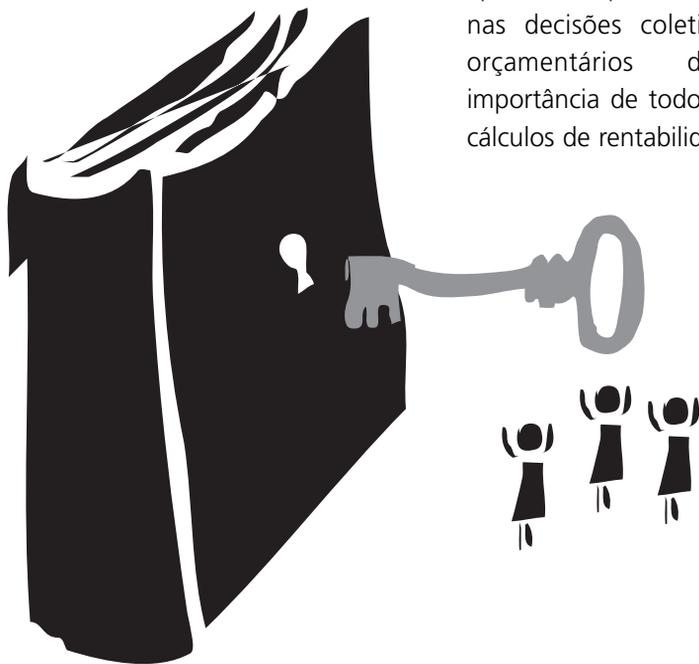
Os espaços de produção são atualmente concebidos e localizados sem um interesse pelas condições que eles impõem aos indivíduos, às famílias e às comunidades. A título de exemplo citemos o tempo e o estresse suplementares relacionados ao transporte que reduzem o tempo e a disponibilidade dedicados aos seus próximos. Estes espaços tornam-se cada vez mais incompatíveis com as diferentes responsabilidades familiares e sociais assumidas por um bom número de pessoas, e principalmente pelas mulheres. A vida familiar e a vida comunitária exigem uma certa proximidade entre os locais de trabalho e de residência. A organização espacial das áreas de vida também tem de favorecer uma interação harmoniosa entre as necessidades individuais e coletivas.

Hierarquia das prioridades levando em consideração a vida e as pessoas:

As necessidades fundamentais das pessoas incluem a segurança alimentar assim como todas as outras formas de segurança, o acesso à saúde, a um ambiente sadio e à educação, à preservação e ao enriquecimento dos vínculos sociais entre as pessoas, entre os grupos humanos, etc.

Transparência nas práticas em todos os níveis:

A transparência se refere à expressão franca e à divisão da informação no que diz respeito às dimensões fundamentais da vida socioeconômica: estado e divisão dos recursos, processos decisórios em todos os níveis, isto é, no seio da família, nas organizações, em nível dos Estados. A título de exemplo, citemos os espaços e locais a respeito dos quais as participantes expressaram uma necessidade de transparência: divulgação dos salários entre os cônjuges, reconhecimento das contribuições respectivas à vida das famílias, aporte dos processos participativos nas decisões coletivas, processos orçamentários dos Estados, importância de todos os custos nos cálculos de rentabilidade, etc.





## 3. iniciativas e inovações

Constantemente as mulheres refletem e agem a partir de situações marcadas pela desigualdade ou pela exclusão. Esta posição “específica”, assim como os contextos plurais nos quais elas vivem e trabalham determinam a expressão das prioridades, das iniciativas de que falamos nesta parte do relatório, baseada essencialmente nas contribuições das mu-

lheres durante os seminários e ao longo do fórum eletrônico do cantor “mulheres e economia”. É claro que o sentido dado ao termo inovação varia segundo o(a)s participantes. As mulheres expressaram assim suas realidades e também os aspectos inovadores de suas iniciativas tais como elas as concebem ou as entendem. Nesta etapa, não tentamos (re)defini-las ou uniformizá-las.



## Objetivos visados

Como vimos antes, as mulheres manifestaram a importância de:

- ocupar seu lugar na sociedade e no universo econômico, com base em igualdade, autonomia e solidariedade.
- conciliar os diferentes papéis e atividades que elas assumem no dia a dia, com a perspectiva de seu reco-

nhecimento/visibilidade, mas igualmente visando a compartilhá-los e a reduzir as dificuldades.

- priorizar alguns princípios fundamentais de suas iniciativas: multifuncionalidade e desmembramento (descompartmentalização) do trabalho, pluralidade e riqueza dos saberes, reorganização do tempo e do espaço, primazia da vida e das pessoas, transparência das práticas e das decisões, reconhecimento das contribuições.

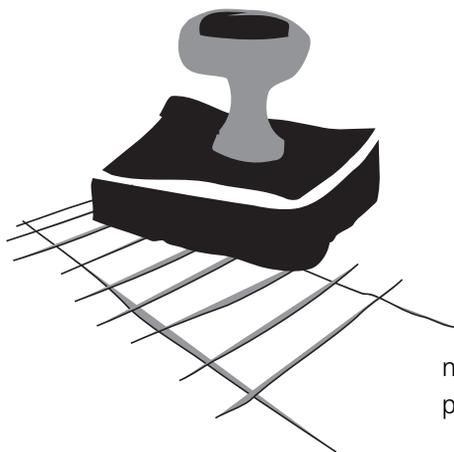
As iniciativas das mulheres atendem a necessidades contextualizadas, isto é, os ambientes físico, político, econômico e cultural são determinantes para as necessidades e para as próprias iniciativas. Conseqüentemente, o que se considera essencial num “ambiente pobre” pode ser um ganho em outro lugar onde outras necessidades permanecem entretanto insatisfeitas e são objetos de iniciativas. Em particular, países ou territórios em crise (vítimas de uma catástrofe natural ou de um conflito armado) ou em processo de reconversão (à economia de mercado, por exemplo) apresentam particularidades que não devem ser subestimadas.

Além do fato de manifestar o dinamismo das mulheres, o aumento das iniciativas em alguns setores e meios é revelador da catástrofe que a economia “dominante” impõe ao desenvolvimento humano. As iniciativas tornam assim visíveis aspectos da economia que até então não eram, e às vezes ainda não são, reconhecidos e contabilizados.

As iniciativas são apresentadas aqui primeiro do ponto de vista dos tipos de necessidades e atividades, em seguida evidenciando os meios inovadores que são utilizados, na maioria das vezes para superar obstáculos e, finalmente, anunciando as inovações nas “maneiras de fazer” e os objetivos perseguidos.

### **As iniciativas, respostas a necessidades variadas**

A gama das necessidades às quais as mulheres querem atender é ampla. Algumas poderão ser qualificadas “de base” sem qualquer restrição. Outras aparecerão menos fundamentais mesmo sendo provenientes de aspirações individuais e coletivas de mulheres que não encontram bens e serviços procura-



dos nos circuitos de produção comercial ou pública. As atividades ligadas à vida cotidiana, à saúde, à educação e à cultura são na maioria das vezes mencionadas pelas mulheres. Citemos, com suas palavras<sup>3</sup>, os domínios nos quais as mulheres realizaram experiências e iniciativas portadoras de valores de transformação:

- alimentação/nutrição: centrais de compras, armazéns sociais, restaurantes, restaurantes populares, serviços de restaurante, cozinhas coletivas, bancos de cereais, atividades de auto-suficiência e de resistência, etc.

- costura e manutenção das roupas: lavar, retocar, passar, loja de moda,

- serviços de mediação, necessidades relacionais,

- saúde: serviços de primeira necessidade, serviços "alternativos", plantas medicinais, etc.

- atividades escolhidas por serem geradoras de renda, atividades que permitem acesso aos mercados, mecanismo de trocas e de escambo, associações de produtoras,

- educação: projetos de alfabetização, de transferência de conhecimentos, de saberes e de saber-fazer, atividades de aprendizagem a respeito das relações de gêneros, formas de discriminação e de exclusão, etc.

- cultura e comunicação: mídia, espaços de expressão política e cultural, etc.

---

3. Ver documentos preparados pelas mulheres especialmente por ocasião de sua participação nos seminários de Paris e de Havana e no fórum, os quais estão reproduzidos no sítio "<http://women.socioeco.org>".

## **Condições para a emergência das iniciativas**

As condições de emergência e de desenvolvimento das iniciativas são também fortemente influenciadas pelo contexto: obstáculos e meios de superá-los.

Já na fase de projeto, surgem obstáculos no caminho das iniciativas suscetíveis de questionarem hábitos e regras tácitas ou formais. Aceder a atividades não-tradicionais para as mulheres, ter direito de decidir por elas mesmas, ter acesso à terra, ao material de base, a espaços de produção adaptados constituem não raro para as mulheres o primeiro obstáculo a ser superado. O acesso aos recursos inclui os aspectos monetários, técnicos, conhecimentos sem os quais qualquer iniciativa fora da vida doméstica é impossível. Já onde as mulheres não têm acesso nem à propriedade nem ao crédito, o desafio é considerável.

No mais, a burocracia se mostra sob forma de múltiplas obrigações: licenças, financiamentos, acesso aos recursos, sistemas de contratos, sistemas e programas de subvenções, etc. Em toda parte sente-se a inadequação entre os projetos e os processos realizados tanto por

empresas privadas quanto por organizações públicas, para-públicas e às vezes organizações não-governamentais. Raramente os orçamentos levam em consideração o tempo e o ritmo de maturação que são próprios a cada uma das iniciativas. Uniformizam-se as normas conservando os parâmetros de rentabilidade financeira sem levar em consideração os aspectos específicos das iniciativas das mulheres e as necessidades de aprendizagens. O(A)s participantes do canteiro “mulheres e economia” percebem claramente as intenções utilitaristas para com as mulheres: instrumentos de fins políticos pelos Estados, instrumentos de fins puramente econômicos e financeiros por numerosas empresas, em particular as multinacionais.

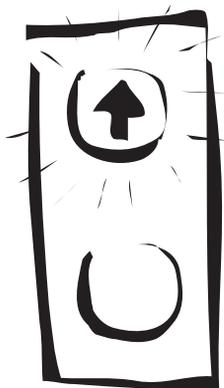
Em alguns casos, as mulheres colocam, elas mesmas, freios em suas iniciativas. O medo do risco, o desconhecimento de seu próprio potencial e a falta de organização entre elas são alguns dos fatores que limitam o alcance de suas iniciativas, e em particular as intervenções estruturantes suscetíveis de realmente lhes trazer mudanças.

Diante dos desafios substanciais que determinam seu dia a dia, desafios por vezes vistos como

insuperáveis no atual estado das relações políticas e dos valores “dominantes”, o(a)s participantes expressaram a necessidade de persistir em seus esforços. Ele(a)s exigem entretanto ações de apoio direto e ações de valorização para tornar suas iniciativas possíveis, viáveis e para ocuparem seu espaço em universos hostis ou pouco acolhedores.

As necessárias ações de apoio têm as seguintes formas:

- apoio financeiro e técnico, formação e acompanhamento,
- estratégias compensadoras para agir sobre as discriminações e direitos,



- pesquisa: análise participativa de casos e reflexões regulares, valorização das fontes pertinentes da literatura científica considerada de menor importância,

- comunicações entre as experiências: dinâmicas de trocas centradas nas relações mútuas, disseminação dos resultados

As ações de valorização que apresentam os sucessos obtidos pelas mulheres e a contribuição de pessoas-recursos por ocasião de comemorações, festas, entrega de prêmios ou de diplomas, por exemplo, alimentam a confiança, a persistência e favorecem o empoderamento das mulheres. Elas moldam a opinião pública e favorecem a credibilidade e o reconhecimento das mulheres. Elas modificam o imaginário e contribuem para derrubar mitos e estereótipos. Suas formas podem ser diversas segundo os contextos, mas incluem sempre o recurso à difusão, à expressão pública, à mídia.

## **Inovações no centro destas iniciativas**

As mulheres inovam sob diferentes formas e em múltiplos domínios:

- Iniciativas que dão acesso ao crédito: poupança e divisão de recursos, caixinhas, garantias/cauções solidárias, caixas de solidariedade, etc.

- Iniciativas que oferecem serviços e bens diferentes, que ampliam as escolhas para as mulheres: medicinas tradicionais, medicinas alternativas, etc.

- Iniciativas de associações e de expressão pública: espaços físicos comerciais, arte e outras formas de expressão, exercício da cidadania ativa e direta, etc.

- Iniciativas não-tradicionais para as mulheres, atividades consideradas masculinas em determinado contexto.

- Iniciativas geradoras de rendas.

- Iniciativas que asseguram a subsistência: alimentação, moradia, etc.

- Iniciativas que atendem às necessidades relacionais: locais de encontro, de recepção, etc.

- Iniciativas de difusão e de transferência de informações: jornais, boletins, sítios na internet, etc.

- Iniciativas que contribuem para a qualidade e densidade do tecido social. Algumas pessoas falam de “capital social”, que aliás é esgotável.

Constatamos que as aspirações individuais e coletivas das mulheres variam de acordo com o grau de satisfação das necessidades básicas, com o nível de desenvolvimento do

território bem como segundo os valores culturais e o ambiente físico imediato. Deste modo, os desejos e as vontades de transformação expressos pelas mulheres como também a diversidade de suas práticas na esfera socioeconômica são plurais. É preciso então evitar misturá-los todos numa mesma denominação ou num mesmo modelo. É preciso também trabalhar para a construção analítica das iniciativas com o objetivo, sobretudo, de nos libertar das dicotomias que restringem e limitam a análise das iniciativas numa categoria ou noutra, por exemplo: formal/informal, produção/reprodução, econômico/social, economia solidária/economia, etc.

Várias análises e textos recentes reconhecem que, em todo mundo, o maior potencial de transformação emerge das mulheres. Vejamos como este enunciado poderia se concretizar apresentando algumas propostas para transformar nossas relações econômicas.



Imenso trabalho criativo considerando que inúmeras mulheres ainda estão em fase de diagnósticos, as propostas do canteiro “mulheres e economia” visam a três desafios:

- construir um novo paradigma econômico baseado na análise e nas práticas solidárias das mulheres,
- desenvolver instrumentos metodológicos para o reconhecimento destas práticas,
- tornar visíveis as práticas das mulheres e desenvolver práticas solidárias locais.

As propostas tomarão diversas formas e necessitarão de estratégias adaptadas aos contextos e aos níveis local, nacional e mundial. Nem por isso deixam de ser, na nossa opinião, bases incontornáveis para as profundas transformações das relações econômicas. A 5ª parte do texto trata mais longamente das estratégias e do(a)s atores/atrizes a se articular para a continuação dos trabalhos.

# 4. propostas

**Proposta 1:** *Desconstruir mitos (fortes preconceitos que propagam idéias de inferioridade e de improdutividade das mulheres)*

Não é um acaso persistirem mitos que queremos ver derrubados. Idéias preconcebidas repetidas diretamente ou sob forma de um humor nocivo contribuem para fixar algumas imagens e estereótipos sobre os gêneros, para fazê-los se incrustar no imaginário, dando-lhes um status de evidência. Os mitos mantêm imagens negativas das mulheres e constituem obstáculos à sua participação, à sua credibilidade e à sua legitimidade no seio de inúmeras, ou senão de todas as sociedades. Propomos a desconstrução destes mitos, primeiro passo visando ao seu desaparecimento.

Toda cultura/território é propícia para a criação de seus próprios mitos. Mencionamos, a título indicativo, alguns destes mitos ou fortes preconceitos que têm por objeto as mulheres e algumas concepções/ideologias que formam o pensamento e a ação de um grande número de pessoas. São eles:

- as mulheres não “trabalhavam” antes de sua entrada no “mercado de trabalho” tal como o sabemos hoje; isto quer dizer, o trabalho das mulheres na esfera doméstica ou familiar não tem qualquer importância ou incidência na economia,
- quando as mulheres têm um emprego, elas se ausentam o tempo todo, elas não se dedicam a fundo; isto quer dizer, as responsabilidades

familiares e domésticas assumidas pelas mulheres não têm qualquer importância ou valor para o bom funcionamento das empresas ou da economia,

- “os problemas vividos pelas mulheres são apenas problemas de mulheres”; isto quer dizer, os problemas da metade da população não têm qualquer interesse para os homens, para a sociedade ou para a economia no seu conjunto,

- as principais fontes de progresso humano e de desenvolvimento são: competição, uniformização, consumismo, performance, crescimento e progresso, etc; isto quer dizer, as “leis” do mercado capitalista são “o caminho, a verdade e a vida”,

- os conceitos econômicos são cientificamente neutros; isto quer dizer, pode-se tratar da mesma maneira todos os tipos de produção (leite, casas, armas, produtos químicos para consumo ou guerra bacteriológica, etc.) e todos os tipos de serviços (creches, seguros, prostituição, etc.) sem qualquer consideração pelas diferentes finalidades buscadas ou pelos impactos negativos nos planos humano, social, ambiental, etc.

### **Proposta 2:** *Reconceitualizar os conceitos econômicos de base*

A visão crítica desenvolvida pelas mulheres a partir de sua posição específica na economia tal como a apresentamos na primeira parte do texto, em particular a invisibilidade do trabalho de “caring”<sup>4</sup>, precisa ser mais bem documentada, conceitualizada e difundida. Entre os conceitos que devem ser redefinidos para a construção de um novo paradigma econômico, as mulheres indicam prioritariamente os seguintes:

- pessoa humana, sua posição na esfera da economia em sentido amplo,
- natureza,
- tempo,
- economia, o domínio da economia em toda sua diversidade,
- crescimento,
- valor,
- riqueza,
- trabalho,
- termos de troca,
- produtividade.

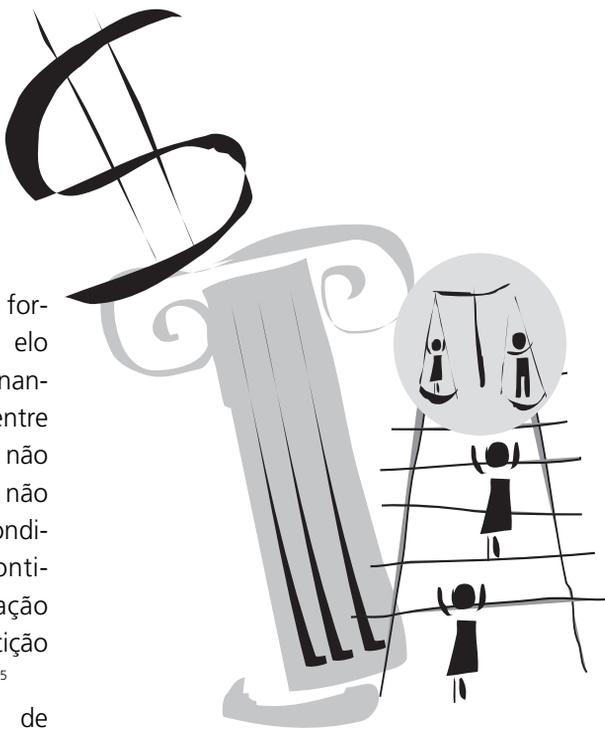
Algumas pistas prioritárias foram identificadas por ocasião do

encontro de Findhorn. Elas se inspiram em propostas formuladas por vários canteiros.

- Reconhecer as diversas formas do trabalho e romper o elo entre riqueza e acumulação financeira/material, romper o elo entre trabalho e renda, já que isto não deixa nenhuma outra escolha a não ser oferecer seus serviços em condições que se degradam continuamente com a globalização econômica e a crescente competição entre as pessoas e os territórios.<sup>5</sup>

- Desenvolver cadeias de produção a partir das necessidades e potenciais identificados primeiramente em nível local. Isto coloca em questão as escolhas de consumo, de produção e de trocas que são impostas pelas grandes corporações multinacionais.<sup>6</sup>

Estas pistas fazem igualmente referência a propostas saídas dos



canteiros “comércio justo” e “finanças solidárias”. Enfim, citemos a importância de se aprofundar nos estudos e nas práticas disponíveis sobre essas questões. O anexo 1 relativo às fontes de informação fornece exemplos a respeito.

---

5. A exemplo das mulheres, o(a)s participantes do canteiro “trabalho, emprego, atividade” propõem, entre outras coisas: reconhecer o valor das “outras” formas de trabalho e atividades humanas; romper o elo entre trabalho e renda; desassociar a cidadania e a dignidade das pessoas do volume de trabalho socialmente necessário; diferenciar a luta pela desalienação do trabalho da luta pelos mecanismos que asseguram a dignidade humana; desenvolver um novo pacto social para a transferência dos ganhos de produtividade.

6. A exemplo das mulheres, o(a)s participantes do canteiro “moeda social” propõem, entre outras coisas: superar o paradigma da escassez, renovar as formas de resolução do problema da inadequação entre os desejos individuais insatisfeitos por falta de consumo e a impulsão para construir um modelo social transformador; apoiar-se na moeda social para estimular a produção solidária/ética e o consumo solidário/ético.

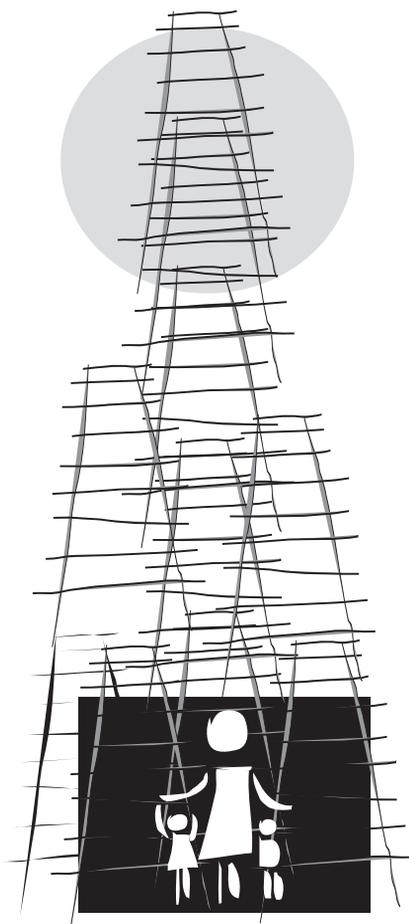
**Proposta 3:** *Conceber indicadores adaptados e diversificados da riqueza e do trabalho*

Somente a revisão dos indicadores poderá tornar visíveis as atividades tradicionais das mulheres, as atividades voluntárias de mulheres e de homens, os aspectos não-materiais da qualidade de vida das pessoas, as atividades criadoras de vínculos sociais, a importância das trocas gratuitas, cordiais e “não-produtivas”.

Assim, é necessário:

- desenvolver meios de valorizá-los eqüitativamente utilizando outros tipos de medida que não a moeda,
- dotar as mulheres de meios de influenciar nas decisões nas esferas da economia e apresentar, discutir e aceitar um novo paradigma econômico.

As discussões do canteiro “mulheres e economia” ressaltaram a importância das esferas ou dimensões que refletem a “fase oculta” da economia, por exemplo:



- as diversas formas de atividade econômica: produções, consumos e trocas em todas as esferas de atividade: comercial, não-comercial, não-monetária; pública, comunitária, doméstica, privada,
- o desenvolvimento social e humano: alimentação, segurança, moradia, saúde, alfabetização e educação, cultura, qualidade de vida, etc.,

- o meio ambiente: recursos, danos, superexploração, etc.,
- o tempo: utilização livre, utilização forçada, conciliação dos atos e dos papéis, tempo para recarregar as forças e para o desenvolvimento pessoal, etc.,
- o trabalho: multifuncionalidade e multidimensionalidade e valor cultural do trabalho, o que é particularmente importante para as mulheres,
- a “rentabilidade social”, a “rentabilidade cultural” e a “rentabilidade ambiental”.

**Proposta 4:** *Contribuir para interligar e consolidar as redes existentes que agem no domínio das relações “mulheres e economia”*

A sinergia entre aliados potenciais e eventuais parceiros a partir de objetivos similares ou complementares é essencial para uma construção coletiva das relações econômicas com perspectiva de transformação. Isto supõe:

- identificar as redes e suas orientações de trabalho,
- propor meios de interligá-las e sustentá-las para a consolidação de suas relações,
- promover um debate entre atrizes e atores da economia solidária e de outras dimensões da atividade econômica,
- apoiar-se nas reivindicações e nas análises formuladas por diferentes movimentos feministas no mundo. Grandes redes conhecidas estão identificadas na 5ª parte deste texto,
- levar nossas mensagens a universos não-familiares a estes desafios, por vezes hostis, não raro muito masculinos; agir no seio da sociedade em movimento; intervir nos comitês científicos; participar ativamente e de maneira crítica de organizações antimundialistas contra a globalização corporativa, etc.

**Proposta 5:** *Reivindicar a expressão da criatividade e da diversidade das iniciativas econômicas*

A economia “dominante” e a tecnocracia estatal são dois entraves muito poderosos prejudiciais à expressão da criatividade e à diversidade das práticas na economia. Os modelos pré-estabelecidos e normatizados impedem a emergência e a viabilidade de iniciativas que não respeitam as regras: compartimentação dos setores de atividades, definição das ações, exigências de rentabilidade, crescimento e globalização impostos. Assim, privadas dos meios apropriados, inúmeras tentativas vegetam ou então não se desenvolvem nunca.

A título de exemplo, mulheres de países do Sul manifestaram dificuldade de acesso aos meios materiais, tecnológicos, financeiros e aos conhecimentos; mulheres da Europa reivindicam um “direito à iniciativa” para sair da exclusão/marginalização e buscar simultaneamente objetivos múltiplos sem atingir a rentabilidade financeira no sentido da economia “dominante”.

Reconhecendo uma grande diversidade de contextos e de meios,

esta reivindicação visa a sublinhar as ações a serem empreendidas tanto no espaço das mulheres quanto em todos os níveis de organização política a fim de tornar possíveis e viáveis as iniciativas que visam à busca e à realização das aspirações das mulheres. Apoiar as mulheres na expressão de sua criatividade pressupõe:

- apoiar as ações/processos que visam ao desenvolvimento da identidade e da capacidade das mulheres: sair de casa, libertar-se da submissão e do silêncio, seculares em alguns casos, tomar consciência de si, e de suas capacidades e conhecimentos não reconhecidos, realizar novas experiências e conscientizar-se de seu papel na economia, atrelar a busca de aspirações individuais a projetos coletivos, etc.

- reivindicar legislações, políticas e medidas administrativas essenciais para permitir o acesso e uma divisão eqüitativa dos recursos físicos, tecnológicos e monetários e também dos conhecimentos. Para as mulheres em particular, urge rever as legislações e mecanismos referentes à propriedade e à apropriação e os modos de transmissão das terras, dos recursos materiais e financeiros e dos conhecimentos.

- suscitar o interesse por modalidades de trocas que se inspiram nas práticas solidárias e nos valores das mulheres, como por exemplo, a moeda social e as finanças solidárias. Pode-se pensar nos SEL/LETS (sistema de troca local/ Local Exchange Trade System), nas formas de alocações geradas coletivamente, no crédito com garantias solidárias, etc.

**Proposta 6:** *Desenvolver práticas políticas para apoiar o desenvolvimento de relações econômicas solidárias*

Reconhecendo que as decisões suscetíveis de mudar as relações econômicas dependem amplamente de um projeto político, parece essencial favorecer a participação ativa das mulheres nos processos políticos. As regras do jogo político, a centralização e a hierarquização das instâncias políticas assim como a ausência de transparência nos processos decisórios estão entre os obstáculos à participação de inúmeras mulheres. Daí a necessidade de participar da construção dos contra-poderes, os quais também não estão imunes às relações desiguais entre as mulheres e os homens. O desafio que resulta para as mulheres se traduziu pela identificação das seguintes pistas:



- desenvolver mecanismos de transferência das práticas solidárias para as esferas “dominantes”,

- desenvolver a comunicação e a sensibilização junto à opinião pública, diversificar os alvos (outros além de militantes e especialistas) e os meios (por exemplo, artigos de imprensa, televisão, etc.),

- estimular as mulheres, as associações e grupos a tomar a palavra e conseqüentemente oferecer apoio às atividades (instrumentos de formação, espaços de debate, recursos de animação e de comunicações, etc.),

- instalar locais de livre expressão (palavra, arte, celebrações, etc.) adaptados aos contextos, espaços dotados de meios, locais de reunião que permitam uma expressão compartilhada e pública,

- desenvolver mecanismos que permitam a participação nos níveis decisórios que exercem uma jurisdição sobre o lugar das mulheres na economia e a inclusão dos valores de solidariedade e de justiça entre os homens e as mulheres nas relações

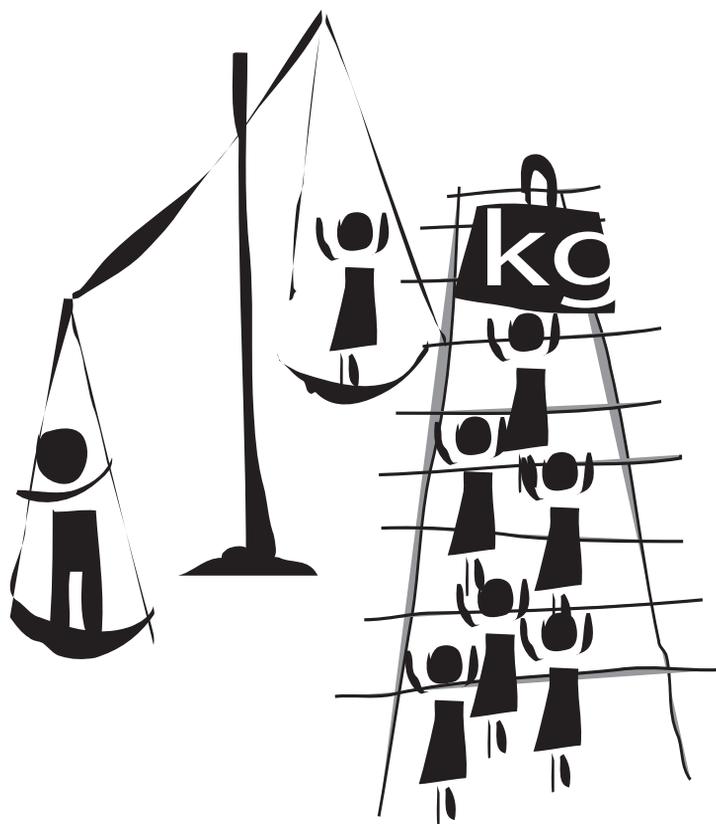
econômicas: níveis local, nacional e mundial.

O canteiro “políticas econômicas” tem propostas no mesmo sentido, considerando a importância da democratização e da renovação dos modos de participação democrática.<sup>7</sup>

Terminemos assinalando que a mudança das mentalidades constitui um dado fundamental para uma transformação durável das relações econômicas, incluindo a solidariedade e a justiça entre todos, mulheres, homens e crianças. Dependentes dos domínios da educação e da “conscientização”, parece-nos importante que os termos de recomendações sejam transmitidos aos atores e atrizes nos domínios dos valores e culturas, da educação e do governo e da cidadania.

---

7. O canteiro se propõe a: contribuir para o remanejamento do Estado democrático baseado nos direitos humanos e sociais, Estado enquanto espaço democrático de conflitos, expressão da diversidade dos atores; reorganizar a política, buscar novas formas de fazer política, passagem da representação para a participação direta, desconcentrar os recursos, descentralizar os poderes, controle cidadão do aparelho estatal, reforçar o papel dos conselhos nas instâncias, discussão pública sobre os orçamentos, sobre as políticas econômicas, sobre as prioridades em todas as instâncias do poder, reforço do poder legislativo retirando do poder executivo a atribuição exclusiva das decisões econômicas, estabelecer mecanismos de participação democrática antes da tomada de decisões e da assinatura de acordos multilaterais ou internacionais; reconhecer as iniciativas de economia solidária.



# 5. estratégias e atrizes e atores



São inúmeras as estratégias bem como as atrizes e atores suscetíveis de pôr em prática estas propostas, também são vários os prazos (do curto ao longo) e os espaços de ação (do local ao mundial). É evidente que é impossível prever desde já todas as estratégias e atrizes/atores interessados. Considerando também a amplitude dos desafios – desenvolver um novo paradigma, criar ferramentas metodológicas e tornar visível a contribuição das mulheres – as colaborações entre inúmeras atrizes e atores são essenciais.

Além de apostar no(a)s simpatizantes por uma transformação dos valores subjacentes aos atos econômicos, é necessário um trabalho de promoção junto aos atores e atrizes da vida econômica para que estes e estas tornem-se parte integrante do processo de transformação. Um certo número de empresas, de produtores e de investidores, pelo menos na teoria e às vezes na prática, já compartilham alguns de nossos valores e objetivos. Identificá-los e contactá-los são algumas das ações previstas nos trabalhos do Canteiro. Entretanto, é primordial ter como objetivo uma visão compartilhada.

Os trabalhos do PSES em Findhorn possibilitaram progredir em direção da formulação de uma visão compartilhada da “socioeconomia solidária”, levando em conta o aporte específico e as inovações das mulheres. Uma primeira formulação foi proposta e submetida a todo(a)s o(a)s participantes. Retomamos aqui o enunciado:

“Considerando que a riqueza é uma criação social, nós afirmamos a socioeconomia como um sistema

aberto, diversificado e dinâmico que permite a todas as pessoas, sobretudo às mulheres, ocupar seu lugar na sociedade e no universo econômico a partir da igualdade, da autonomia e da solidariedade. O objetivo é construir formas associativas e solidárias de propriedade, de controle e de gestão da economia e dos recursos naturais.

Nós afirmamos a socioeconomia como um novo paradigma de consumo, de produção e de relações sociais e humanas no qual o valor da colaboração solidária desempenha um papel fundamental.

Nós afirmamos a socioeconomia como base para a responsabilização (empoderamento/autonomização) das mulheres, dos homens e das crianças para que eles se tornem sujeitos de seu próprio desenvolvimento humano e social que faz parte do desenvolvimento da vida na Terra e do Universo”.

Reconhecemos a necessidade de estratégias adaptadas às diversas propostas do canteiro. Todavia, uma mudança fundamental durável necessita de um processo de confronto construtivo entre as teorias e as práticas.

Assim, a educação é essencial e deve se adaptar às circunstâncias e contextos nos quais as pessoas vivem e trabalham. É importante tornar o acesso das mulheres à alfabetização e à educação de base fundamental para um desenvolvimento pessoal, para uma compreensão e para uma participação democrática nas decisões relativas à vida “socioeconômica”. O Pólo “valores e culturas”, particularmente o canteiro sobre educação, e o Pólo “governo e cidadania” estão especialmente interessados na instalação de estratégias globais relativas à educação. Desta forma, nós os intimamos a identificar as alavancas para provocar ou fazer emergir transformações, isto é, tecer condições para uma “sociedade civil” em movimento, para uma mudança global.

As associações e grupos de mulheres, as associações e grupos mistos simpatizantes, o(a)s pesquisadore(a)s feministas e pró-feministas e as associações feministas de pesquisadore(a)s e aqueles/aquelas que trabalham neste domínio a título pessoal, profissional ou técnico são parceiros a serem associados ao conjunto das estratégias do Canteiro. Outros atores e atrizes se juntarão de acordo com as propostas.

**Proposta 1:** *Desconstruir mitos*

Os mitos se incrustam no imaginário e moldam o pensamento e a ação sem que destes tenhamos consciência facilmente. Tomar consciência é difícil, exigindo, sobretudo, se for o caso, um questionamento das escolhas e dos modos de vida cotidiana. Resistências “afetivas”, “científicas” e outras impedem, com frequência, tanto as mulheres quanto os homens, de ouvir e imaginar de outra maneira. É por isso que desconstruir mitos depende tanto de uma ação pessoal quanto de uma ação coletiva. Raramente espontâneo, um caminho pessoal ou coletivo pode resultar do contato com informações transmitidas de maneira eficaz: identificação dos

discursos, textos, ações que mantêm mitos indesejáveis a respeito das mulheres e das relações de sexo. As instituições de ensino em todos os níveis, a mídia assim como a prática artística e o contato com as artes, são particularmente suscetíveis de contribuir à sua maneira para a emergência de um imaginário apto a participar da construção de um mundo mais responsável e solidário.

**Proposta 2:** *Reconceitualizar os conceitos econômicos de base*

Reconceitualizar os conceitos econômicos a partir dos aportes inovadores das mulheres exige um trabalho essencial que inclui uma coleta “sistemática” de seus conceitos e de suas iniciativas. Assim, para dar continuidade às pistas prioritárias já anunciadas, é importante dotar-nos de meios para constatar, compreender, analisar, imaginar e “modelar” o trabalho em toda a sua diversidade; pensamos

sobretudo na dimensão criativa e de renovação dos recursos humanos, e na cadeia de produção, base da satisfação das necessidades fundamentais. Além disso, as estratégias propostas levam em consideração uma vida cotidiana que obriga todos, mulheres e homens, a consumir bens e serviços produzidos fora do circuito doméstico, comunitário, local e que é cada vez mais difícil, e até impossível, viver de maneira digna, sem renovar as amarras entre os mercados locais reconstruídos e os mercados globais. Ei-las aqui:

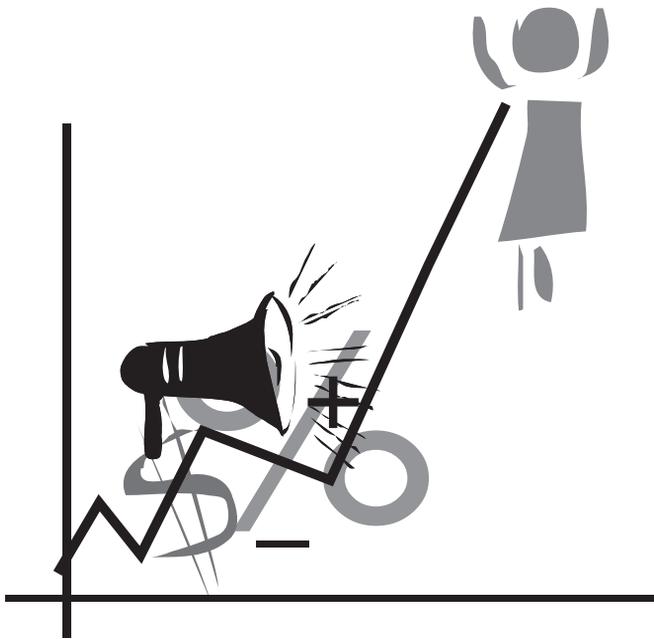
- utilizar uma metodologia apropriada para conhecer e colocar em sinergia as práticas das mulheres, as práticas intermediárias

(espaço de entendimento e das reivindicações) e os espaços de reflexão (espaço dos trabalhos e trocas conceituais e teóricas),

- re-desenvolver as cadeias de produção a partir do local; articular o mercado local e os mercados globais; articular as atividades familiares, voluntárias, não-remuneradas às do circuito comercial, etc.

- examinar a tensão entre “pulsões” que não são sempre compatíveis, isto é, o





“desejo” individual de consumir e o de transformar o modelo “dominante” do consumo. Sabemos que, em vários contextos, as mulheres são vistas como “responsáveis” pelo consumo cotidiano. Independentemente da origem socioeconômica e dos meios financeiros de que elas dispõem, muitas delas percebem esta tensão entre o desejo de consumir e a impossibilidade de apoiar o modelo “dominante”. O(A)s participantes do canteiro “mulheres e economia” ressaltaram a importância de apostar nas pistas do comércio justo, da

simplicidade voluntária, do desenvolvimento das compras e equipamentos coletivos, da produção solidária. Essas pistas dão em avenidas identificadas pelos canteiros “moeda social”, “comércio justo”, “consumo ético” entre outros,

- implantar sistemas de trocas solidárias: bancos de horas, crédito mútuo, moedas comunitárias, etc.,
- articular as diferentes formas e setores da economia solidária, a partir da dimensão local,
- desenvolver circuitos econômicos solidários tanto em nível local quanto em nível global.

As redes de comércio justo e de consumo ético, de finanças solidárias e de desenvolvimento local podem contribuir para alimentar o(a)s pesquisadore(a)s sobre o(a)s quais repousa o desafio de apresentar e propor de maneira organizada e sistemática os novos conceitos e modelos em emergência.

avaliação e maior difusão das práticas quanto às moedas; apropriação, transferência, educação. As ações a se tomar deverão estar adaptadas às pessoas visadas: mulheres, médicos, médicas e interventores de campo, parceiros no seio das redes, pesquisadore(a)s.

**Proposta 3:** *Conceber indicadores adaptados e diversificados da riqueza e do trabalho*

As trocas efetuadas por ocasião do encontro de síntese em Findhorn possibilitaram a formulação de uma proposta visando a reconsiderar a riqueza e o trabalho a partir dos objetivos que dão seqüência aos trabalhos de vários canteiros<sup>8</sup>. Os eixos estratégicos então fixados apoiavam-se na identificação, na avaliação e na concepção de indicadores adaptados e diversificados da riqueza e do trabalho; o desenvolvimento de campos recompostos para associar os canteiros setoriais no seio, por exemplo, de um canteiro sobre os indicadores; experimentação,

Desde então esta proposta deu lugar a trocas em que são propostas ações para articular concretamente esta estratégia:

- propor um fórum na Internet dedicado ao tema dos indicadores; desenvolver um mecanismo de animação sobre a questão dos indicadores.
- utilizar a ação da Aliança e a instalação de seus prolongamentos como um “laboratório” onde são testadas as parcerias, o reconhecimento das respectivas contribuições (principalmente tempo e dinheiro) a partir dos valores e do processo participativo.

---

8. Tal é a proposta: parar de relacionar riqueza e trabalho; reconhecer o valor de outras formas de trabalho; reconhecer a multifuncionalidade do trabalho; desmembrar e dividir o trabalho; reconhecer os saberes tradicionais e os saberes de experiência; organizar os espaços de vida e de produção a partir das necessidades das pessoas e das comunidades; hierarquizar as prioridades a partir das necessidades da vida dos seres humanos; assegurar o acesso das mulheres aos direitos e aos recursos; etc.

Além dos trabalhos que podem ser realizados com o concurso da Aliança, inúmeras instâncias nacionais e internacionais têm poderes relacionados ao desenvolvimento e ao cálculo dos indicadores da qualidade de vida, ao desenvolvimento humano e social, à situação das mulheres, etc. Seus trabalhos deveriam refletir as preocupações que identificamos como prioritárias. Para exercer uma influência, é importante:

- dar-nos meios de conhecer os trabalhos já existentes e seus valores subjacentes, de analisá-los, criticá-los e influenciá-los no sentido dos valores e do reconhecimento das preocupações e das contribuições das mulheres. Entre os alvos: o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e os trabalhos de outros organismos da Organização das Nações Unidas (ONU), os responsáveis pelos sistemas de contabilidade nacional (PIB, mão-de-obra, recursos naturais, etc.),
- difundir os trabalhos inovadores que se apóiam nas dimensões a serem incluídas nos sistemas de indicadores e nas metodologias apropriadas para refletir os desafios propostos: tornar visíveis e incluir os custos humanos,

sociais e ambientais da produção, do consumo e das trocas; apresentar os trabalhos já realizados na Itália sobre os “bancos de horas”, etc.

**Proposta 4:** *Contribuir para interligar e consolidar as redes existentes que agem no domínio da relação “mulheres e economia”.*

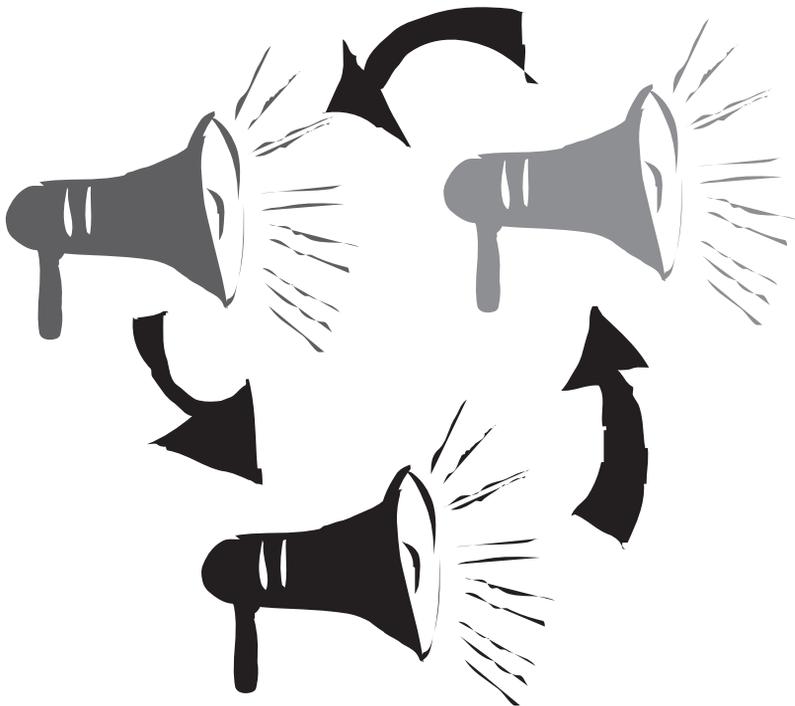
Várias redes atuam na implantação e na defesa de relações renovadas entre as mulheres e a economia. A título de exemplo, podemos citar: os prolongamentos da Marcha Mundial das Mulheres do ano de 2000; o grupo que deu continuidade ao Pequim +5; as redes de mulheres que se mobilizam regionalmente como as associações de mulheres que trabalham na economia informal, como SEWA (Self-Employed Women's Association), que reúne mais de 200.000 mulheres produtoras e comerciantes do Estado de Gujarat, na Índia; Mujeres Transformando la Economía nas Américas Latina e Central ou as redes de economia que tentam redefinir a economia do ponto de vista feminista, tal como a International Association For Feminist Economics (IAFFE), etc. Assim as estratégias para colocar em prática esta proposta implicam:

- dar continuidade às pistas anunciadas na 4ª parte do texto através de engajamentos e de contribuições pessoais e coletivas.

- acentuar o trabalho do(a) participante e simpatizantes do canteiro “mulheres e economia”. A ampliação e um maior conhecimento das atividades e posições das diferentes redes passa pelo desenvolvimento de vínculos formais e informais: vínculos com Internet sobretudo para destacar o sítio do canteiro “mulheres e economia”, participação em outras

atividades, presença em outras redes, posicionamentos em comum, etc.

- difundir e discutir amplamente o presente relatório. Algumas ações neste sentido estão sendo preparadas notadamente na América Latina e no Québec.



Os programas suscetíveis de apoiar o trabalho das redes ativas são parceiros privilegiados. Notemos em particular a UNIFEM e programas relativos às mulheres, aos organismos de cooperação internacional, às organizações não-governamentais, etc. As associações, grupos e as redes mobilizadas para a transformação das relações econômicas como o Fórum Social Mundial, ATTAC, Slow Food, SalAmi, Adbusters (No shopping day), e Simplicidade Voluntária são também aliados em potencial.

**Proposta 5:** *Reivindicar a expressão da criatividade e da diversidade das iniciativas econômicas*

Apoiar as mulheres na expressão de sua criatividade depende primeiramente de uma ação pelas mulheres e junto às mulheres a título pessoal e como coletividade. É também uma ação política já que a expressão pública da diferença e de comportamentos tradicionalmente não aceitos exige tanto a mudança das leis como das mentalidades. Enfim, criar instrumentos apropriados para possibilitar a expressão da criatividade é interesse de todos e em todos os níveis, do local ao global.

As atrizes essenciais desta proposta são as mulheres e seu am-

biente imediato, as redes e associações que trabalham no domínio do apoio e do acompanhamento das iniciativas das mulheres, com frequência comunitárias ou para-públicas. Todavia, os responsáveis pelas leis e pelos regulamentos que garantem os direitos das mulheres são atores primordiais.

**Proposta 6:** *Desenvolver práticas políticas para apoiar o desenvolvimento de relações econômicas solidárias*

Como mencionado desde o começo deste texto, as mulheres querem ser reconhecidas como verdadeiras cidadãs e participar dos processos de um Estado verdadeiramente democrático e “transparente”. É um desafio compartilhado por vários canteiros, entre os quais o das “políticas econômicas”. Na atual situação das relações que as mulheres mantêm com os diferentes Estados, as estratégias mais promissoras implicam para elas:

- reconhecer, clarificar e/ou aceitar a relação complexa das mulheres e grupos de mulheres com o Estado,



- reconhecer os ganhos de suas diversas experiências com o Estado, especialmente no desenvolvimento da confiança em si, da capacidade de expressão pública e da liderança no seio de suas organizações,

- preservar a autonomia de orientação e de ação dos grupos de mulheres, a despeito da importância do apoio coletivo às suas ações, o qual está freqüentemente ligado a um financiamento público,

- contribuir para definir novas relações entre o Estado, o mercado e a sociedade civil no sentido de práticas democráticas: respeito pela diversidade e pelas iniciativas multidimensionais, adaptação das normas e contextos, etc.,

- investir os lugares de poder, acentuando particularmente a ação em nível local, no espaço de proximidade,

- desenvolver estratégias de comunicação para manifestar as preocupações das mulheres: conteúdos, alvos e meios.

Os principais atores da realização desta proposta são associações, organismos e redes de mulheres já atuando nas esferas políticas, o(a) pesquisadore(a)s que podem contribuir para a articulação dos discursos e dos textos mais suscetíveis de influenciar as próprias instâncias políticas. Os conselhos consultores e as instâncias responsáveis pelos direitos das mulheres nos governos são parceiros privilegiados.

Algumas fontes de informação sobre os temas discutidos neste relatório são aqui apresentadas a título indicativo ou como referência para este texto. Certamente inúmeros outros trabalhos não mencionados serão fontes de inspiração para a continuação dos trabalhos do canteiro “mulheres e economia” e do PSES.

- Sobre o reconhecimento de todas as formas de trabalho, trabalho não-remunerado das mulheres e sua invisibilidade nas contas nacionais, a amplitude da complexidade e da intensidade das atividades produtivas das mulheres, trabalhos de Marilyn Waring, agricultora neozelandesa e ecologista:

WARING, M., 1997, *Three Masquerades: Essays on Equality, Work and Human Rights*, Univ. of Toronto Press.

WARING Marilyn (1998). *If Women Counted. A New Feminist Economics*. New York: Harper & Row.

*Who's Counting?* Marilyn Waring on Sex, Lies and Global Economics, um filme da Agência nacional do filme / National Film Board, Canada.

- Sobre o trabalho e a riqueza,

MÉDA Dominique (1999). *Qu'est-ce que la richesse*. Paris: Alto/Aubier

MÉDA Dominique (1995). *Le travail. Une valeur en voie de disparition*. Paris: Alto/Aubier.

MÉDA Dominique e Juliet SCHOR (1997). *Travail, une révolution à venir*. Paris: Mille et une nuits/ Arte Éditions.

- Sobre o “caring”, o “caregiving”,

FOLBRE Nancy (2001). *The Invisible Heart*. New York: The New Press.

- Sobre a economia invisível e visível,

HENDERSON Hazel (1995). *Paradigms In Progress. Life Beyond Economics*. San Francisco: Berrett-Koehler Publishers.

pistas a fim de dar segurança à renda a partir de cidadania e não de produtividade:

BERNARD Michel e Michel CHARTRAND (1999). Manifeste pour un revenu de citoyenneté. Montréal: Éditions du renouveau québécois.

BLAIS François (2001). Un revenu garanti pour tous. Introduction aux principes de l'allocation universelle. Montréal: Boréal.

FERRY Jean-Marc (1995). L'allocation universelle. Pour un revenu de citoyenneté. Paris: Cerf.

A revista do MAUSS "Vers un revenu minimum inconditionnel" nº 7, 1º semestre de 1996. (artigos de Alain Caillé, Robert Castel, Bernard Eme e Jean-Louis Laville, Jean-Marc Ferry, Jean-Marie Harribey, Dominique Méda, Philippe Van Parijs).

VAN PARIJS Philippe, dir. (1992). Arguing for Basic Income. London/New York: Verso.

PIETILÄ Hilikka (1997). The Triangle of the Human Economy: Household – Cultivation – Industrial Production. An attempt at making visible the human economy in toto. The Journal of the International Society for Ecological Economics. Vol 20 Nº 2 pp. 113-127

FERBER, M. A., NELSON, J. <sup>a</sup> (ed) (1993), Beyond Economic Man, Chicago and London, The University of Chicago Press, 178p.

FOLBRE, N., (1997) De la différence des sexes en économie politique, Paris, Coll. des femmes, 238 p.

- Sobre os debates quanto à renda de cidadania ou à alocação universal, trabalhos na Europa e na América do Norte apoiados em

- Na esfera ecologista e do desenvolvimento, trabalhos de médicos e médicas engajados, principalmente no desenvolvimento econômico comunitário propõem a primazia do local e da vida cotidiana,

trabalhos de Bárbara Brandt, organizadora e ativista nos Estados Unidos, e de mulheres do Sul:

Bárbara BRANDT (1995). Whole Life Economics. Revaluing Daily Life. Philadelphia (USA) / Gabriola Island (BC): New Society Publishers.

SEN Gita & Caren GROWN (1987). Development, Crises and Alternative Visions. New York: Monthly Review Press.

SHIVA Vandana (1989). Staying Alive. Women, Ecology and Development. London: Zed Books.

- Sobre o desenvolvimento humano,

L. PARPART Jane, M. Patrícia CONNELLY & V. Eudine BARRITEAU, eds (2000). Theoretical Perspectives on Gender and Development. Ottawa: International Development Research Center (IDRC).

PNUD (1997, 1999, 2001), Rapport Mondial sur le Développement Humain

## **Sítio e todas as contribuições**

Sítio: <http://women.socioeco.org>

Co-animadoras do Canteiro: Joséé Belleau; Cécile Sabourin.

O(A)s participantes do seminário de Paris: Rabia Abdelkrim-Chikh, Senegal; Maria Teresa Battaglino, Itália; Joséé Belleau, Canadá; Annie Berger, França; Emanuela Buscemi, Itália; Halimatou Diallo, Burkina Faso; Dominique Foufelle, França; Laurent Fraisse, França; Madeleine Hersent, França; Maria Rosa Lotti, Itália; Marie-Hélène Mottin-Sylla, Senegal; Joelle Palmieri, França; Sandra Quintela, Brasil; Cécile Sabourin, Canadá; Catherine Souissi, França; Pierrette Soumbou, França; Marlène Tuinunga, França.

O(A)s participantes do seminário de Havana: Guadalupe Abdo Infante, México; Maritza Alva, Peru; Angélica Alvarez, Chile; Josée Belleau, Canadá; Nalu Faria, Brasil; Tânia Garcia, Cuba; Ana Cecília Hernandez, El Salvador; Nora Hernandez, El Salvador; Zenaida Joachin, El Salvador; José Hipólito dos Santos, Portugal; Yanira Kuper Herrera, Cuba; Lizavetta Marbelí Lanuza, Nicarágua; Blanca Munster, Cuba; Rosa Maria Mejivar, El Salvador; Vilanece Oliveira da Silva, Brasil; Sandra Quintela, Brasil; Hermínia Rodriguez, Cuba; Cécile Sabourin, Canadá; Maria Ulloa, Colômbia.

## **Fórum eletrônico**

O(A)s participantes que contribuíram para a discussão: Baye Gueye Diop, Louise Yaga, Oumou Lam, Jacqueline Dianbangouayila, Rabia Abdelkrim- Chikh, Danielle Fournier, Laurent Fraisse, MariaTeresa Battaglino, Madeleine Hersent, Patrícia E. Perkins, José Hipólito dos Santos; textos de Joëlle Palmieri e Dominique Foufelle exibidos no sítio internet das Penélopes que apresentam entrevistas com Pierrette Soumbou e Sandra Quintela.

Caucus informal “mulheres e economia” em Findhorn: Rabia Abdelkrim- Chikh, Guadalupe Abdo Infante, Maritza Alva, Josée Belleau, May East, Blanca Munster, Patrícia Patino, Sandra Quintela, Cécile Sabourin.

Apoios explícitos de um bom número de mulheres e de alguns homens por ocasião do encontro de Findhorn: “a questão das mulheres é uma questão primordial e transversal” nos ateliês, nas plenárias ou nos corredores do encontro de Findhorn: especialmente Jean-Patrick Abhelson, Meredith Ailloud, Marcos Arruda, Sylvie Bourinet, Laurent Fraisse, Yoko Kitazawa, Cécile Lapenu, Armando Lisboa, Pascale Morand, Heloisa Primavera, Alain Simon, Catherine Souissi, Françoise Wautiez, Chilo Villareal.

# questionário

Ficáramos muito contentes em receber sua opinião sobre as propostas contidas neste caderno. A fim de facilitar essa tarefa, eis aqui algumas perguntas às quais nós esperamos que vocês tenham tempo de responder. Suas avaliações e comentários nos serão preciosos para a continuação do trabalho coletivo. Esperamos que a leitura do caderno o(a)s inspire e o(a)s leve a ler outros Cadernos de Propostas do Pólo de Socioeconomia Solidária e da Aliança (Ver <http://www.alliance21.org/fr/proposals>).

Solicitamos igualmente que você indique as propostas decisivas e prioritárias para a construção de alternativas ao modelo atual de globalização e sugira projetos de aplicação prática destas propostas.

## O caderno de propostas:

O que você pensa do caderno em geral?

.....  
.....  
.....  
.....

E do diagnóstico?

.....  
.....  
.....  
.....

E das propostas?

.....  
.....  
.....  
.....

## As propostas

Quais são as propostas com as quais você concorda? Por quê?

Números:.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....



Quais são as propostas mais úteis para a sua ação cotidiana? De que maneira (inspiração para a ação, para fazer lobby, troca de experiências...)?

.....  
.....  
.....  
.....

Quais são as propostas com as quais você não concorda? Por quê?

.....  
.....  
.....  
.....

## **O futuro**

Que sugestões você faria para a continuação deste canteiro?

.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....



**O** PACS é uma organização sem fins lucrativos dedicada ao Desenvolvimento Solidário (ODS) que trabalha com pesquisa socioeconômica e educação e tem sede no Rio de Janeiro. A proposta do PACS é colocar o trabalho e a criatividade de sua equipe a serviço dos movimentos sociais, das entidades eclesiais, dos governos populares, dos grupos de produção associada (cooperativas, empresas autogestionárias, associações, grupos informais e escola de trabalhadores), das escolas públicas e de outras organizações de desenvolvimento solidário na tentativa de pensar a economia de forma diferente e de dar um outro rumo ao nosso sistema sócio- econômico.

Foi fundado em 1986 como a parte brasileira do PRIES - Programa Regional de Investigações Econômicas e Sociais para o Cone Sul da América Latina -, iniciativa de um grupo de economistas comprometidos com processos de transformação social, que retornavam do exílio a seus países de origem: Argentina, Brasil, Chile e Uruguai. O objetivo deste grupo era colocar sua experiência profissional e político-social a serviço dos movimentos sociais em seus respectivos países e no Cone Sul. Esta aliança, no entanto, foi dissolvida em 1995, após nove anos de colaboração e produção coletivas.

O PACS produz pesquisas, análises e reflexão crítica, sob a forma de publicações, programas de rádios e políticas alternativas e projetos de desenvolvimentos; assessorias e atividades educativas.

## Saiba mais sobre esta série:

Série Globalização e Solidariedade: Série que se propõe a enfocar assuntos macroeconômicos, apresentando críticas e propostas alternativas aos modelos vigentes. Procuramos evidenciar que só é possível globalizar com solidariedade e cooperação.

### Números anteriores:

Nº 1 - Que outra integração é possível? Soberania sim, Alca Não. Adaptação por Sarah Anderson e Marcos Arruda. O projeto da ALCA é contrastado com o de uma integração que aponta para o intercâmbio dos povos, culturas, direitos, sabedoria indígena e popular, mercados e economias do continente americano, cuja base é a vida e a soberania nacional e dos povos.

Nº 2 - Governo Lula e Acordo com FMI. Existem alternativas  
Diagnóstico realizado pelos economistas Marcos Arruda e Pedro Quaresma do Acordo firmado entre o governo brasileiro e o Fundo Monetário Internacional, analisando suas implicações e apontando alternativas possíveis.

